



mais

DIA DA MÃE DANIELA RIBEIRO

Aos 30 anos, Daniela Ribeiro realizou o sonho de muitas desportistas: ser mãe. Depois de se tornar profissional de futsal e de vestir a camisola da Seleção Nacional, a guarda-redes colocou para trás das costas todas as dúvidas e questões sobre a gravidez no desporto, arriscou, 'simulou' uma lesão e teve um final feliz

ANDRÉ ZEFERINO

R Nos dias de hoje, ser mãe e desportista é bastante raro. No entanto, felizmente, com o evoluir da sociedade, também os clubes e entidades desportivas estão a ficar com as mentes cada vez mais abertas para a maternidade no desporto. Um tema tão vulgar, quanto incomum, mas a verdade é que a grande maioria das desportistas opta por ser mãe após o final da carreira ou abdicam de praticar desporto quando engravidam.

Neste dia especial para todas as mães do Mundo, **Record** foi ao encontro de Daniela Ribeiro. Uma mulher, como tantas outras, que tinha o sonho de ser mãe, mas que não queria abdicar da paixão de praticar desporto. Das inúmeras "condicionantes" que estão diretamente ligadas à gravidez no desporto, até ao momento "mais espetacular e maravilhoso" que a vida lhe proporcionou, passaram nove meses.

Com o receio de uma primeira gravidez, assim que soube que ia ser mãe, juntamente com a equipa técnica do Pescara, de Itália, a guarda-redes de futsal simulou uma lesão e ficou afastada das quadras. Três meses depois contou à restante equipa e a felicidade foi generalizada, mas o sentimento de culpa bateu à porta.

"Senti-me mal na altura porque, apesar de ser uma decisão nossa e de não ter de dizer ao mundo que estou a planear ser mãe, quando chega o momento sente-se a pressão de não ter contado e fiquei a pensar que tinha errado e que devia ter contado", explicou a guarda-redes internacional por Portugal, que também abandonou a Seleção no momento em que engravidou e percebeu que "a vida desportiva tinha mudado completamente".

Entre os vários receios de uma desportista em avançar para a maternidade durante a carreira, está o pós-parto e o regresso à competição. No caso de Daniela... foi bastante fácil. "O regresso foi muito bom. Por acaso não senti grandes diferenças. Tudo é controlável numa gravidez. Se pensarmos numa gravidez em que não controlamos o peso ou não vamos ao pormenor, pode ser difícil. Mas mantendo um equilíbrio durante a gravidez, o pós-parto é muito mais fácil. A nível físico há consequências, mas que devem ser enfrentadas. Se fossemos acompanhadas corretamente, haveria muito maior abertura para a gravidez no desporto. Tenho pena que as mulheres que queiram ter filhos tivessem a liberdade de o fazer sem pensar que talvez não consigam regressar à forma física", explicou a mãe de Arianna e Anita.

A gravidez é um título



UMA RARIDADE NO DESPORTO FEMININO

Os três amores da super mãe

Daniela Ribeiro tem 35 anos, joga no Virtus Ciampino (Itália) e realizou o sonho de trazer ao mundo duas crianças sem abandonar a sua grande paixão: ser guarda-redes de futsal

ANDRÉ ZEFERINO

R Quantas vezes já se ouviu a frase: "Ser mãe é a coisa mais bonita que há?" E quantas são as mulheres que, derivado à profissão de desportista, optam por não realizar esse sonho? Não foi o caso de Daniela Ribeiro, guarda-redes de futsal do Virtus Ciampino, de Itália, que colocou para trás das costas todas as incógnitas que uma gravidez acarreta e abraçou o desejo da maternidade... sem abandonar a sua grande paixão: o futsal.

"Foi um misturar de sentimentos,

INTERNACIONAL PORTUGUESA SIMULOU UMA LESÃO COM A AJUDA DOS TREINADORES PARA OCULTAR A GRAVIDEZ DA EQUIPA

obviamente positivos, mas sem saber o que era na verdade, porque acho que ninguém está preparado, é sempre algo novo, e eu não tinha decidido deixar de jogar. Foi uma mistura de sentimentos. Acho que ninguém está preparado, é sempre algo novo e eu não tinha decidido deixar de jogar", começou por contar a futsalista, de 35 anos, esclarecendo: "Foi planeado com o meu marido [Sérgio Romanò, internacional de futsal italiano]. Nesse ano, assinámos os dois pelo Pescara, estávamos prontos para começar a época e eu não cheguei a arrancar."

Ora, Daniela Ribeiro não chegou a ir para dentro da quadra no ano de 2017 porque... engravidou. Por se tratar da primeira gravidez, a equipa só soube da situação pas-

sados três meses e, com a ajuda dos dirigentes e treinadores, simulou uma lesão. "Os dirigentes e o treinador ajudaram-me a levar a 'brincadeira' para a frente e disseram que eu estava a tratar de uma lesão da época anterior", explicou a guardiã, confessando: "Senti-me mal na altura porque não tenho de dizer ao mundo que estou a planear ser mãe, mas quando chega o momento sente-se a pressão de não ter contado e confesso que fiquei a pensar que tinha errado e devia ter contado." Veio ao mundo a Arianna e a Anita e, como mãe babada, Daniela Ribeiro passou a ter três amores. "Nunca me quis distanciar do desporto. Não é algo que tem de acontecer, como ouvi e me disseram. Ao início a ideia era manter-me ligada, mas fui barrada por uma médica desportiva que não me passou o atestado para continuar a treinar. Ela dizia que eu tinha de ficar em casa, sem ter qualquer condicionante na gravidez. Na altura fiquei bastante mal com a situação", revelou, desmistificando o segredo para "um regresso muito bom e sem grandes diferenças": "Não tive o impacto de não conseguir fazer, mas talvez seja a motivação. Eu vejo deste ponto de vista: carreguei, carreguei, carreguei e quando regresssei tinha a felicidade a vontade a transbordar."

As questões físicas levam inúmeras mulheres a abandonar a ideia de serem mães. No entanto, Daniela, como é conhecida no mundo do desporto, diz ter "pena que as mulheres que queiram ter filhos não tenham a liberdade de o fazer sem pensar que talvez não consigam regressar à forma física": "O

pensamento deveria ser: eu vou ser mãe porque depois tenho a certeza que tenho alguém para me acompanhar no regresso e ajudar a ficar em forma. Normalmente, quem é mãe acaba por terminar a carreira."

Agora, já com duas filhas, Daniela, que começou a jogar futsal "sem intenções" e que foi parar à posição de guarda-redes porque ali ninguém a chateava, admite que se sente "especial" e lança um desafio a todas as jogadoras que sonham em ser mães: "Tenham coragem porque é lindo e fantástico. É um sentimento sem comparação. Todas as outras questões relacionadas com os medos ou a recuperação física e psicológica, são questões que conseguimos enfrentar. Ser mãe é a coisa mais bonita que há."

Fim de ciclo na Seleção

R Daniela Ribeiro ingressou na Seleção Nacional de futsal universitário, representou a equipa das quinas no Mundial do Brasil, em 2011, em que Portugal terminou em 3.º lugar, e viveu momentos inesquecíveis. "Começou-se a falar de uma Seleção Universitária e eu, sinceramente, pensei que fosse uma ideia que desaparecesse rápido. Entretanto, chamaram-me para um estágio e começou por aí. Tivemos o primeiro Mundial Universitário no Brasil e foi uma sensação inexplicável. No ano seguinte chegou a Seleção e foi o realizar do sonho. Fomos ao Mundial em Espanha e, até eu ficar grávida, fui muito feliz

na Seleção", confessou a guarda-redes, de 35 anos, explicando como chegou o fim de ciclo de quinas ao peito: "A última convocatória foi num momento delicado, já estava grávida e foi quando percebi que a vida desportiva tinha mudado completamente. Foi o reconhecimento do estado que eu teria de enfrentar dali para a frente. Foi quando dei a notícia aos treinadores Luís Conceição e Jorge Braz. Aí soube que era o último jogo. Lembro-me de falar com eles e darem-me os parabéns. Não sabia como reagir à notícia que estava a dar. Estava feliz, mas reconhecia que era, possivelmente, o fim de um ciclo."





AMOR. Daniela tem na maternidade os mais importantes marcos da vida, que a afirmam como mulher

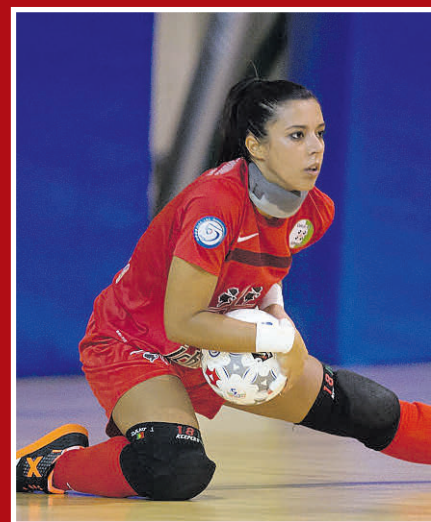
Batalhas por travar

R O assédio e as desigualdades são, infelizmente, um prato do dia no desporto feminino. No entanto, Daniela não vira a cara à luta. “A igualdade salarial é um fator importante, mas há muitos fatores que faltam percorrer. Se queremos algo equiparado, temos de fazer por isso. Questões como o treino ou os espaços físicos são fundamentais e deviam ser equiparadas ao masculino. Eu costumo dar o exemplo do aquecedor do nosso balneário. No dos homens, que é ao lado do nosso, têm um aquecimento todo bonito e nós temos de levar o nosso aquecimento portátil para não termos frio...”, exemplificou a guarda-

-redes, confessando viver assustada com os vários casos de assédio denunciados ultimamente. “O assédio existe, dá-me ansiedade e preocupa-me porque sendo uma mulher do desporto, as minhas filhas também o serão, seja em que desporto for. Ouvi determinadas coisas que não devia ter ouvido quando ainda nem se falava da problemática e era um assunto tabu. É uma questão muito delicada, mas o facto de haver abertura para falar já é um ponto crucial. Havendo conhecimento, é dar voz a quem passa pelas situações para se julgar que prevenciou”, atirou.



2014. Começou pela Seleção Universitária até chegar à Seleção A de Portugal. Um sonho realizado e com várias epopeias, como o Mundial 2014, na Costa Rica



2015. Sem receios, Daniela partiu à aventura e abraçou o desafio do Kick Off. Teve assim a primeira experiência no futsal italiano

2016. Em Milão, ao serviço do Kick Off, a guarda-redes travou inúmeras iniciativas dos adversários ao longo de três temporadas



2017. Daniela durante um jogo com a camisola do Ichnusa Sinnai, de Itália, o segundo clube que representou no país

2017. Aqui com o marido Sérgio Romano, jogador de futsal internacional, mas por Itália, Daniela está grávida da primeira filha



2019. Depois de três experiências no futsal Italiano, eis que a guarda-redes assina pelo Salernitana, já depois de ter ultrapassado a primeira gravidez



2018. Com a filha Ariana, recém-nascida. O regresso à atividade profissional foi feito com de forma natural e a paixão falou mais alto



2022. Agora, com duas filhas, Daniela ganhou mais duas adeptas na bancada a torcer por si. Aqui, após um jogo, com Anita, a filha mais nova

UM PORTUGUÊS A 6.000 KM DE CASA

ORLANDO COSTA

Técnico de 46 anos está nos Barbados para orientar a 167.^a seleção do ranking FIFA e desenvolver o futebol num país onde não é desporto rei

À conquista das Caraíbas



VASCO BORGES

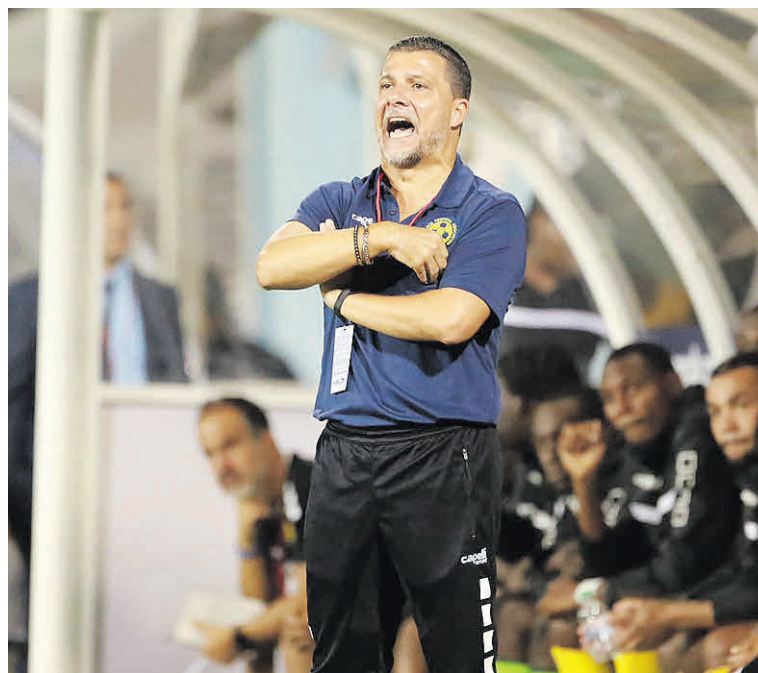
R É a república mais recente do Mundo. Descoberta e batizada pelos navegadores portugueses rezam as crónicas, por conta das 'barbas' das figueiras que povoavam a ilha – mas moldada durante séculos por britânicos. Falamos dos Barbados, pequeno país insular banhado pelo Mar das Caraíbas, com menos habitantes do que Lisboa e sustentado pelo

COMEÇOU NA FORMAÇÃO DO MOREIRENSE, AOS 19 ANOS, E JÁ PASSOU POR IRÃO, CHINA, COREIA DO SUL OU GUINÉ-BISSAU

turismo, pela cana de açúcar e pelas fortunas atraídas através de regalias fiscais. Uma terra onde o cricket e as corridas de cavalos são reis no desporto. É também, desde o final de 2022, a casa de Orlando Costa, português que aceitou o desafio de comandar a 167.^a seleção do ranking FIFA e, mais importante, tentar imprimir o futebol na cultura do país.

Natural da vila de Lordelo, no concelho de Guimarães, Orlando descreve-se como um apaixonado de longa data pelo futebol. “Cresci, como tantos outros da minha geração, a jogar na rua depois da escola com duas pedras a servir de baliza. A ir para os treinos [no Vitória de Guimarães] de autocarro, porque naquela altura os nossos pais não tinham tempo para nos dar boleias”, lança o técnico de 46 anos em jeito de introdução. Uma história conhecida e comum nos países, como o nosso, onde futebol respira com naturalidade e as crianças começam a chutar uma bola mal aprendem andar. Nos Barbados não é assim, tanto que um dos projetos o português tenta implementar consiste, precisamente, em passar aos mais pequenos a ideia de que uma bola de futebol pode ser um brinquedo.

Mas afinal, como se acaba a treinar num país exótico a quase 6.000 km de casa? A resposta começa com 26 anos de carreira. Orlando iniciou-se como adjunto na formação do Moreirense, aos 19 anos. “Comecei a perceber



que a minha vocação estaria mais virada para o treino. Sempre quis trabalhar no futebol e investi no estudo. Licenciiei-me em Educação Física, a pensar nisso... ia a Vigo comprar livros sobre métodos de treino, que na altura não se encontravam cá. Mas queria

muito aplicar essa teoria no treino e através de contactos no Moreirense consegui fazê-lo lá”. Depois vieram os cursos da UEFA, que completou até ao nível mais alto e até um mestrado em Psicologia do desporto. Pelo meio, cruzou-se com Nelo Vin-

gada, que o convida para o acompanhar na Académica na época 2005/2006. Com ele embarcaria depois em aventuras pelo Irão, China e Coreia do Sul. “É uma referência para mim e essas experiências deram-me muito para o trabalho que tenho vindo a fazer”, destaca nos Orlando sobre o ‘professor’, com quem mantém contacto e que vi-

UMA DAS MISSÕES DO TÉCNICO É INCUTIR O FUTEBOL NA CULTURA DO PAÍS: “AQUI NÃ O SE VÊM CRIANÇAS A JOGAR NA ESCOLA”

ria a ter um papel na vinda pelos Barbados. Antes, ainda se lançou como treinador principal em clubes do Campeonato de Portugal e esteve, como adjunto, na CAN’2022 com a Guiné Bissau.

Mais do que um selecionador
No final do último ano abraça o desafio mais exótico da carreira, na modesta seleção Barbados, que nunca chegou perto de ir a um Mundial... ou se sequer à

BARBADOS



Independência (do Reino Unido)
30 de novembro de 1966

Proclamação da República
30 de novembro de 2021

Presidente da República
Sandra Mason (desde 2021)

1.ª Ministra
Mia Mottley (desde 2018)

Capital Bridgetown

População 287.025 (2019), o 23.º menos populoso do Mundo

Área 431 km², o 12º mais pequeno do planeta

Densidade populacional
647 habitantes/ km²

PIB per capita 18,80 € (73.º)

Moeda Dólar de Barbados (BBD), 1 BBD equivale a 45 cêntimos

Índice Desenvolvimento Humano 0,814 (Muito Alto)

Número turistas por ano cerca de 1 milhão (média da última década)

Personalidades mais famosas
Rihanna (cantora); Norma Miller (dançarina); Obadele Thompson (velocista, bronze em Sydney'2000)

Desportos mais praticados
Cricket, Corridas de Cavalos e Polo

Fundação da Federação de Futebol 1910

Filiação à FIFA 1968

Ranking FIFA 167.º (março 2023)

Ranking FIFA mais elevado 96º (outubro de 2006)

Presenças em competições internacionais 0

Mais jogos pela seleção
Greg Goodridge e Norman Forde (63 internacionalizações)

Mais golos pela seleção
Greg Goodridge (16 golos)

Futebolista mais valioso (maio 2023) Thierry Gale (250 mil euros)

Gold Cup, a maior competição de seleções da Concacaf. Mais do que revolucionar os resultados, vem com dois projetos em mente que visam desenvolver a formação de jogadores no país. “O futebol aqui é visto como um passatempo. Os clubes são todos amadores, não há treinadores qualificados, a federação tem dois campos e um é sintético. Queriam alguém que pudesse trabalhar o futebol desde a base ao topo da pirâmide. Temos o projeto ‘Bola Mágica’, que vai envolver crianças a partir do 5 anos. É preciso introduzir o futebol nas escolas, aqui não se vêem miúdos a jogar no recreio”, explica Orlando.

O país é pequeno e pouco interessado no futebol, o que resulta numa base de recrutamento limitada. São cerca 19 mil, os jovens que podem ser atraídos a, pelo menos, experimentar jogar futebol. Investimento também é preciso. “Neste momento, o Governo não dá apoio ao futebol. É uma república recente, só em 2021 saíram da alçada do Reino Unido, e é preciso provar a quem manda o que podemos fazer.”

ORLANDO COSTA

“Disseram para me habituar a perder a maioria dos jogos”

Quando Orlando Costa chegou aos Barbados, encontrou a equipa no último lugar do Grupo na divisão B da Liga das Nações da Concacaf... sem qualquer ponto somando. De resto, o país estava há dois anos sem ganhar uma partida. “Não vinha com grandes expectativas em relação à qualidade dos jogadores. Aliás, disseram-me que teria de me habituar a perder a maioria dos jogos. Quando cheguei, tinham feito um golo na Liga das Nações e num lance ‘às três pancadas’.

Com o Russel Latapy [ex-médio de FC Porto, Boavista e Académica e antecessor do luso no cargo] não tinham uma identidade de jogo”, explica Orlando. Não terá sido por coincidência que os primeiros jogos, em março passado, não correram nada mal para uma primeira amostra. Depois de um empate (2-2) num particular com Grenada, a equipa mostrou outra imagem nas duas últimas jornadas da Liga das Nações: desaire (0-1) com a vencedor do Grupo,

Cuba, e o primeiro triunfo (2-1) desde março de 2021, na visita à Antigua e Barbuda. Do duelo com os cubanos, Orlando traz uma história curiosa: “No final, um dos jogadores deles corre 20 metros na minha direção para me dar os parabéns e dizer-me que Barbados parecia outra equipa em relação à 1ª volta [em que perderam por 3-0].”

“UM JOGADOR CUBANO VEIO DAR-ME OS PARABÉNS E DISSE QUE A SELEÇÃO DOS BARBADOS JÁ PARECIA OUTRA EQUIPA.”

A nova edição da Liga das Nações arranca em setembro, ainda sem adversários definidos. “Claro que gostaria de ficar em 1º e subir à Liga A. Não sendo possível, o objetivo passará por evitar a descida à Liga C, onde competem as seleções mais fracas”, diz-nos lembrando: “No fim, o treinador é sempre avaliado pelos resultados.”



EMAÇÃO. Seleção dos Barbados ainda é amadora

MAIS DE 30 JOVENS EM OBSERVAÇÃO

Procura por talento

Por estes dias, o treinador está a conduzir um primeiro estágio de captação na ‘Lalu Academy’, que visa identificar e desenvolver jovens talentosos para reforçar a seleção principal. Uma experiência que se tem revelado um sucesso. “No primeiro treino tivemos cerca de 20 jogadores e entretanto já vamos em 33. O mais provável é

que continuem a aparecer mais, mas o objetivo é esse. Depois, teremos de filtrar e formar um grupo mais pequeno... uma espécie de equipa B ou sub-23”, explica com satisfação. Além de jogadores, o projeto visa também formar treinadores: “Não vim para impor o meu método, mas posso passar conhecimento que lhes sirva como base.”

Há uma nova vaga no Caribe

Historicamente bem longe da ribalta do futebol mundial, as seleções das Caraíbas têm dado passos importantes para competir com os pesos pesados da Concacaf como o México, os Estados Unidos ou mesmo Costa Rica, Canadá e Honduras. As qualificações para o Campeonato Mundial ajudam a perceber as diferenças. Basta dizer que só quatro países do caribe podem gabar-se de ter estado num Mundial: Cuba (1938), Haiti (1974), Jamaica (1998) e Trinidad e Tobago (2006). Só os cubanos conseguiram passar a 1ª fase, batendo a Roménia, antes da queda (0-8) frente à Suécia. No caminho para o Qatar, só os jamaicanos conseguiram intrometer-se entre os países continentais na última fase de acesso, terminando no 6.º lugar (entre oito equipas) a 14 pontos da última vaga. Desnível refletido também no ranking FIFA, onde Jamaica (63.º), Haiti (87.º) e Curaçau (88.º) são os únicos representantes do top-100. Há, contudo, leves sinais de mudança... ou, pelo menos, tentativas de levar o futebol caribenhos mais além. Nos últimos anos, algumas seleções têm aumentado a procura por futebolistas com dupla nacionalidade, aproveitando as ligações umbilicais com países europeus. A Jamaica é um exemplo, tendo

‘pescado’ Bobby Reid (Fulham), Michail Antonio (West Ham) ou Ethan Pinnock (Brentford) na Premier League. Mas nada bate Curaçau, que na última década subiu 100 lugares no ranking FIFA muito graças aos jogadores nascidos na Holanda: eram 19 na última convocatória.



Jamaica é a seleção mais competitiva

Liga das Nações vem ajudar
Em 2019, a Concacaf criou uma Liga das Nações – semelhante à europeia – que tem dado aos países mais modestos do caribe uma chance de jogar de forma oficial. Se Jamaica, Curaçau ou Martinica competem entre os melhores na Liga A, a Liga C acolhe até seleções não afiliadas na FIFA, como o Bonaire ou as ilhas de São Martinho.

INCLUINDO EM PORTUGAL

Estrelas pela Europa

Não se pense que no futebol do caribe não há estrelas ao nível das melhores da Europa. Dwight Yorke, tobagenho que se destacou no Man. United, continua a ser a mais brilhante, mas hoje também há craques dignos de registo. O site especializado em valores de mercado ‘Transfermarkt’ revela os mais cotados: entre os jamaicanos Leon Bailey (Aston Villa, 25 M€) e Antonio (West Ham, 9 M€) está o dominicano Junior Firpo (Leeds, 12 M€).

Em Portugal, há dois representantes das caraíbas esta época, ambos de Curaçau: Kenji Gorré (Boavista) e Nigel Thomas (Paços de Ferreira). Mas o nosso país não é território estranho. Além de Russel Latapy (bicampeão pelo FC Porto), por cá já se estabeleceram futebolistas como os haitianos Desmarts e Jean Sony, ambos com mais de uma centena de jogos entre 1.ª e 2.ª liga, ou Grégory, central de Martinica, que representou Marítimo ou Paços de Ferreira.

Representa o CD Feirense desde os quatro anos e é dos mais utilizados pelo treinador Rui Ferreira

BRUNA VALENTE *

R João Pinto fez toda a formação no CD Feirense e é agora um dos capitães da equipa de Santa Maria da Feira. Um homem da terra, no verdadeiro sentido da palavra: "Desde os quatro anos que represento este clube, tive uma passagem pelo SC Espinho, mas finalmente consegui concretizar o meu sonho, que era jogar pela equipa principal. Sempre foi um objetivo meu e o ano passado felizmente consegui alcançá-lo." A estreia na Liga Portugal SABSEG aconteceu a 14 de agosto de 2021, na vitória por 1-0 frente ao CD Mafra, um momento que nunca mais irá esquecer. "Estávamos a ganhar e nem estava a contar entrar. O mister chamou-me e, como é lógico, por estarmos em vantagem, entrando para o eixo defensivo, a responsabilidade seria ainda maior. Foi um bom jogo e conseguimos o objetivo principal, que eram os três pontos,

**JOÃO
PINTO**

"ESTE É O CAMPEONATO MAIS COMPETITIVO"

mantendo a nossa baliza a zero. Esse é sempre o meu objetivo quando vou para dentro do campo", diz o central.

A posição de defesa é muito particular e há características que têm mesmo de existir, no entendimento de João Pinto. "A agressividade no Futebol moderno é essencial, mas um defesa já não é só para 'bater bombo'. Tem de saber jogar, tem de ter qualidade. A capacidade de não errar também é muito importante, porque estamos muito atrás no campo e a probabilidade de dar golos é muito grande", explica-nos.

No total, o jogador de 22 anos contabiliza quase 50 jogos na Liga Portugal SABSEG, sendo, na presente época, o terceiro jogador mais utilizado na competição pelos fogaceiros, com 2230 minutos (atrás de Sidney e Washington). "Isso mostra principalmente a confiança do mister Rui Ferreira em mim, e aquilo que é o meu trabalho e o meu dia-a-dia, que

"A AGRESSIVIDADE NO FUTEBOL MODERNO É ESSENCIAL, MAS UM DEFESA JÁ NÃO É SÓ PARA 'BATER BOMBO'"

permitem sempre que eu esteja a um alto nível para jogar." Ao longo da época, contudo, em todas as equipas existem fases boas e menos boas. "O CD Feirense acabou por cimentar na Liga Portugal SABSEG sempre com boas classificações. Andou sempre do meio da tabela para cima, com algumas tentativas de subi-

da pelo meio, mas o que é certo é que tem sempre cumprido os objetivos mínimos e esta época está a ser positiva. O ano passado ainda sonhámos um bocadinho, ficou um amargo de boca porque houve a sensação de que poderíamos ter conseguido mais", confessa João Pinto.

Ponto assente que esta é uma competição muito dura, para mais nesta reta final do campeonato: "Não é cliché dizer que a Liga Portugal SABSEG é o campeonato mais competitivo, porque é. Vemos todas as semanas equipas que estão no fundo da

tabela ganhar pontos às equipas de cima. Além disso, acontecem muitos resultados inesperados, que demonstra claramente a competitividade e agressividade da competição."

João Pinto aponta ainda para outro dos objetivos do emblema de Santa Maria da Feira: "Somos um país formador e o CD Feirense não foge à regra. Tem de haver espaço para o jovem jogador português: o nosso exemplo mais recente é o Manu, outro jogador da nossa terra e que agora está a jogar no Vitória SC." ●

* LIGA PORTUGAL

"A minha vida toda foi sempre à volta deste clube"



R João Pinto assume-se um apaixonado pelo clube da sua terra: "Vivo a 200 metros do estádio, o meu crescimento sempre foi ali por perto, durante toda a formação. Sempre fui ver os jogos com os meus pais, com o meu avô e fui apanha-bolas do CD Feirense também. A minha vida toda foi sempre à volta deste clube."

A paixão pelo futebol surgiu com o pai, que também foi jogador, embora nunca tenha jogado nos campeonatos profissionais, mas o compromisso foi crescendo graças à proximidade com o clube. "O meu sentimento pelo CD Feirense nasceu precisamente por ser o clube da minha terra e por ser ao lado de casa", realça.

João Pinto quis partilhar um pouco da essência do que é ser da terra que acolhe todos os anos uma das maiores Feiras Medievais do país: "Aqui em Santa Maria da Feira, temos um lema muito próprio: podem apontar-nos o dedo do passe falhado, ou do remate falhado, mas não podem apontar-nos o dedo e dizer que não damos tudo, de não suarmos, de não deixar tudo o que temos dentro do campo." ●

MOTORES

MAZDA 2 HYBRID

Modelo do segmento B resulta de colaboração direta com a Toyota e tem papel importante

PAULO RENATO SOARES

R O Mazda 2 Hybrid entra no segundo de comercialização em Portugal e as expectativas sobre a carreira no nosso país apontam para crescimento face aos resultados de 2022 – significou 18 por cento do total das vendas da marca. Modelo do segmento B (utilitários), o Mazda 2 Hybrid resulta de colaboração direta com a Toyota e assume papel importante na estratégia de eletrificação da marca, que já conta com um automóvel 100 por cento elétrico, o MX-30.

A questão das emissões e a diversificação da oferta levou a Mazda a optar por solução prática – acordar com a Toyota a cedência de tecnologia híbrida o



Ligações nipónicas

TÉCNICA

Motor	3 cilindros/12 válvulas/gasolina
Cilindrada (cc)	1490
Potência (cv/rpm)	92/5500
Binário (Nm/rpm)	120/3600-4800
Potência motor elétrico (cv/rpm)	80
Binário motor elétrico (Nm)	360
Potência combinada (cv)	116
Velocidade máxima (km/h)	175
Aceleração 0-100 km/h (seg)	9,7
Consumo misto (l/100 km)	4,0 (WLTP)
Emissões CO2 (g/km)	87
Capacidade do depósito (l)	36
Capacidade da bagageira (l)	286
Comp/Larg/Alt (m)	3,940/1,745/1,500
Peso (kg)	1125
Preço (€)	a partir de 26.590

Esta ligação nipónica – os dois construtores colaboram há muito tempo – não diminui a Mazda e vem afirmar mais uma vez as virtualidades do sistema híbrido. O “2” é servido por aliança entre motor 3 cilindros a gasolina de 1.5l e motor elétrico de 59 kW, para uma potência combinada de 116 cavalos. O sistema, com transmissão assegurada por caixa automática CVT, usa bateria de iões de lítio autorecarregável; permite ao Mazda 2 arrancar em modo elétrico e circular no mesmo modo no trânsito citadino e em estrada até velocidade de 130 quilómetros/hora.

As dimensões compactas; a tecnologia incorporada – sistemas

de segurança e auxílio à condução; ecrã tátil para o ‘infotainment’ – e o ambiente a bordo fazem do Mazda 2 Hybrid opção a ter em conta. Fácil de conduzir e capaz de consumos na ‘casa’ dos 4l/100 km (valores que atingimos em utilização mista), está disponível em três níveis de equipamento.

O maior obstáculo, se assim podemos chamar, acaba por ser o preço, que fica próximo de modelo com motor de combustão do segmento acima. Mas a tecnologia híbrida explica os valores. Compensados depois pela eficácia do Mazda 2 em termos de consumo e desembaraço no ambiente urbano. ●



TOYOTA YARIS. O irmão mais ‘velho’ do Mazda 2 é, como pode constatar-se, idêntico. Mas depois da cedência aos compatriotas, a Toyota puxou pelo Yaris e lançou a versão GR Sport (desportiva) e apostou numa declinação muito interessante – o Yaris Cross, com inspiração ‘crossover’

MERCADO AUTOMÓVEL EM PORTUGAL

Eletrificação continua a crescer

Os primeiros quatro meses de 2023 demonstram que as matrículas de automóveis eletrificados continuam a crescer no nosso país. Os números revelados pela ACAP (Associação Automóvel de Portugal) indicam que os modelos híbridos, híbridos ‘plug-in’ e elétricos representaram 42,5 por cento das 68.298 novas unidades matriculadas.

No caso dos elétricos ‘puros’ (ver

quadro), a percentagem já supera os 15 por cento, ultrapassando inclusive os modelos com motor a gasóleo. A tendência vai manter-se de forma, digamos, inexorável nos próximos tempos.

O mercado de ligeiros de passageiros fechou o mês de abril com subida de 44,2 por cento face aos primeiros quatro meses de 2022. No ‘campeonato’ das marcas o destaque vai para a

MATRÍCULAS POR TIPO DE ENERGIA

MOTORIZAÇÃO	UNIDADES	%
Gasolina	26.482	38,8
Gasóleo	9.703	14,2
Elétrico	10.405	15,2
Híbrido Plug-in a gasolina	7.165	10,5
Híbrido Plug-in a gasóleo	224	0,3
Híbrido a gasolina	9.852	14,4
Híbrido a gasóleo	1.435	2,1
Gasolina + GPL	3.050	4,5
Matrículas de ligeiros de passageiros novos entre janeiro e abril 2023		

liderança destacada da Peugeot e para o comportamento da Dacia. A marca do ‘universo’ Renault liderou em Abril e já ocupa o 4º lugar das preferidas dos consumidores nacionais.

LIGEIRAS DE PASSAGEIROS 2023

ABRIL – Top 5			
Pos.	Marca	Unidades	% Mercado
1	Dacia	1589	9,87
2	Peugeot	1556	9,66
3	Volkswagen	1466	9,10
4	Renault	1369	8,50
5	Mercedes-Benz	1090	6,77
JAN/ABRIL – Top 5			
Pos.	Marca	Unidades	% Mercado
1	Peugeot	7666	11,22
2	Renault	5217	7,64
3	Volkswagen	4739	6,94
4	Dacia	4727	6,92
5	Mercedes-Benz	4573	6,70

TOTAIS MERCADO AUTOMÓVEL 2023

JAN/ABRIL	Unidades	% Variação 2023/2022
Ligeiros de Passageiros	68.298	44,2
Comerciais Ligeiros	8.301	1,3
Total Ligeiros	76.599	37,9
Véículos Pesados*	2.239	29,4
Total	78.838	37,6

*Inclui pesados de mercadorias e de passageiros (Fonte: ACAP)



Filipe Alexandre Dias
Editor executivo

ANTESQUESEJA 2.^a FEIRA

Erling Haaland: o primeiro viking da bola

R Se gosta de séries, é muito provável que tenha 'tropeçado' nas conquistas relatadas em 'Vikings'. Se gosta de futebol é muito improvável que não tenha reparado nos arrastos da autoria de Erling Haaland. É que voltam a ser relacionadas a saga do povo guerreiro que, entre os séculos VIII e XI, saqueou e assolou o Atlântico Norte e a do avançado norueguês que se senta no trono da Premier League com golos e records. Claro que isto deve-se apenas e só à aparência robusta, gélida e letal do aríete do Manchester City, a fazer lembrar um dos temidos homens do norte que chegavam à costa para espalhar o pavor, mas muitos perguntam: os vikings jogavam à bola? Nem por isso...

A cultura viking cultivava o físico, a virilidade, com muita da atividade lúdica a basear-se nestas premissas, embora com espaço a outras práticas.

O desporto viking com uso de bola mais popular do qual há registos era o 'knattleikr', um jogo que podia começar de manhã e acabar à noite. É encarado por historiadores como forma primitiva do hurling (popu-



lar na Irlanda) ou lacrosse (muito praticado nas universidades norte-americanas). O 'knattleikr' consistia em duas equipas, com os jogadores a utilizarem uma espécie de 'stick' (também podiam usar as mãos) para trocarem entre si um esférico rijo, cujo destino final deveria ser uma baliza adversária. Os confrontos envolviam intimidação, contacto físico e guerras azedas de palavras.

Devido às condições do tempo na Escandinávia, os povos locais passavam boa parte do dia dentro de casa. Para estimular a mente, os vikings adoravam o 'hneftafl', uma espécie de xadrez. As regras ainda hoje são um mistério, mas era um jogo de estratégia, que os homens do norte levaram consigo para a Grã-Bretanha, Islândia, Irlanda e Gronelândia. Mais tarde evoluíram para uma forma mais aproximada do xadrez (o 'skák'), com tabuleiros híbridos: de um lado podia jogar-se 'hneftafl' e do outro o 'skák'.

Apreciadores de festas, os vikings promoviam jornadas desportivas: o 'leikmót'. Aqui,

sentia-se a natureza guerreira com luta livre, corrida, natação, arco e flecha, jogo da corda, arremesso de pedras e esgrima.

Os vikings tinham um 'desporto' bizarro: luta entre cavalos ('hestavíg'), no qual dois guerreiros confrontavam-se até à morte.

Haaland jamais faria mal a animais, pegaria em espadas, ou arremessaria pedras, mas quem o vê, feroz e corpulento, galopar de forma inclemente e com os olhos cheios de gozo pelos melhores relvados do mundo, só pode pensar numa coisa: estes vikings não jogam a nada para brincar. Por muito que os séculos passem...



OLADO PSICOLÓGICO

Gaspar Ferreira
Ordem dos Psicólogos Portugueses

Libertar as mãos

R O FC Famalicão deu uma réplica inesperada no jogo que ditou a qualificação do FC Porto para a final da Taça. E não passou despercebida a forma como o treinador da equipa anfitriã festejou essa vitória, tendo confrontado e provocado verbalmente o banco da equipa visitante e o próprio árbitro, acabando expulso pela 23.^a vez na sua carreira. Não comentarei o caso.

Este domingo celebramos o Dia da Mãe. Não é um dia qualquer. É uma data que nos lembra o papel que as mães têm nas nossas vidas, na formação dos nossos valores, atitudes e comportamentos, inclusive no futebol. Através das suas palavras e do seu exemplo, podem ensinar que a agressão é um comportamento

O EXEMPLO DAS MÃES ENSINA QUE A PROVOCAÇÃO É UMA FORMA DE NARCISISMO

aprendido, que é reforçado quando tem consequências positivas, mas que devo aprender a controlá-la. Podem ensinar que os comportamentos de provocação podem ser vistos como uma forma de narcisismo, caracterizado por uma elevada autoestima e admiração excessiva por si mesmo, mas que esta estratégia para manter a minha imagem, esta defesa contra a insegurança e o medo de fracassar, me pode levar a uma visão distorcida de mim mesmo e dos outros, gerando comportamentos agressivos e arrogantes.

Precisamos libertar as mãos para que estas possam estar mais presentes no processo de formação desportiva dos seus filhos. O desporto é um espaço de aprendizagem, onde a liderança pelo exemplo e o respeito pelos outros são valores fundamentais, sem os quais não há, verdadeiramente, sucesso.

A PROPÓSITO DE NADA

A guerra hertziana



A série 'Glória' ensinou (ou reavivou...) a história da RARET, um posto transmissor situado na Glória do Ribatejo que colocou Portugal no centro de um verdadeiro conflito hertziano durante a Guerra Fria. Esta obra da autoria de Vitor Madail Herdeiro conta a origem de um posto 'sugerido' em 1950

pelos Estados Unidos ao governo de Salazar para funcionar como centro de retransmissão Radio Free Europe, projeto financiado pela CIA. Portugal passou assim a integrar os esforços contra a expansão do comunismo pela Europa.

Um mar de estigmas



Nova série original portuguesa da Netflix, 'Rabo de Peixe' há um ano que dá que falar, ou não tivesse merecido a desconfiança dos habitantes daquela vila piscatória açoriana que dá nome à série e não quer ser ainda mais estigmatizada pela pobreza e marginalidade sistémicas que a perseguem. Mas Rabo de Peixe já faz parte de roteiros turísticos e esta série promete: esta é a história de 5 amigas cujas vidas mudam após encontrarem uma tonelada de cocaína na costa. É uma série ficcional..., mas não muito.

Música para dia ameno



Uma banda a chegar à meia idade, os The National têm a maturidade bem expressa neste seu novo trabalho. 'First Two Pages of Frankenstein' é o primeiro registo a sério do coletivo de Cincinnati desde 'Sleep Well Beast', de 2017, e os elementos essenciais continuam lá. Os habituais traços melancólicos são servidos logo de entrada com a primeira faixa, 'Once Upon a Poolside', a qual tem Sufjan Stevens como convidado. O bom gosto e a melodia cuidada também nunca se ausentam. Um disco perfeito para qualquer dia ameno.